



CARTA DE ORDEM DE VIAGEM DO SÉCULO XVIII
(TRIP ORDER LETTER OF THE 18th CENTURY)

Cláudia Damião Lopes de Almeida SILVEIRA (Arquivo e Memória de Santos)

ABSTRACT: *This work is about a semidiplomatic edition of a letter issued on the XVIII century and it will be analyzed in its graphematics, ortograph and linguistics aspects. The document is a travelling order from the Captain João Pedro Viegas to the Pilot of the ship João Cunha.*

KEYWORDS: *linguistics, philology and codicology study.*

0. Introdução

A presente pesquisa foi realizada no “Arquivo Público Municipal” da cidade de Santos, local que reúne grande parte do acervo iconográfico, manuscrito e impresso relacionado com Santos e região. Localiza-se na Casa de Frontaria Azulejada, pertencente e administrado pela “Fundação Arquivo e Memória de Santos” que tem sua sede no “Outeiro de Santa Catarina” situado à rua Visconde do Rio Branco, 48 – centro. Com a ajuda dos historiadores: Rita Marcia Cerqueira, historiadora do arquivo permanente e José Dionísio de Almeida, responsável pela Sala de Pesquisa, chegou-se ao documento objeto do presente estudo.

O objetivo da pesquisa é a edição de documentos relacionados ao Porto de Santos, pois há vasta documentação em arquivo sem que tenha havido publicação na íntegra ou parcial. Este documento pertence ao "Fundo Milícias", denominação dada ao agrupamento de aproximadamente 1300 documentos que abrangem o período de 1792 a 1832. Compõem este fundo, basicamente, documentos administrativos das diversas companhias espalhadas pelo litoral de São Paulo, que por sua vez, compunham o Regimento de Artilharia Milicianiana com sede na praça de Santos.

O documento é datado de 15 de junho de 1794, e trata-se de uma carta de ordem de viagem, autorizando a saída de um navio do Porto de Santos, bem como determinando que providências deveriam ser tomadas caso houvesse algum incidente no caminho. Apresenta-se em excelente estado de conservação, e foi redigido em papel trapo - algodão puro, bifólio. O papel é amarelado e provavelmente tem origem italiana, uma vez que, segundo dados históricos fornecidos pelos historiadores da "Fundação", essa era a origem de quase a totalidade dos papeis utilizados em documentos oficiais, na vila de Santos, naquele período. Há também, no presente manuscrito, uma marca d'água que lembra a flor de lis utilizada como símbolo da monarquia francesa e principados italianos, daí a abstração da hipótese da origem do papel.

A tinta utilizada é metaloácida, sem que se possa especificar de qual tipo específico. Entretanto, pode-se afirmar que, certamente, não é ferrogálica, pois o documento não apresenta as corrosões residuais próprias da mesma, que se formam com o correr do tempo. A tinta é marrom clara. A letra é cursiva e bastante encadeada.



Há uma numeração no final da folha 1r. usada para identificação do mesmo dentro do arquivo e servir de código para o laboratório de restauração, temos então a seguinte marca: 1/47/6.

1. Edição semidiplomática

Senhor Capitam João Pedro Viegas, Piloto João Cunha

Villa de Santos 15 de Junho de 1794

Parte *VossaMerce* deste Porto para o daCidade de Lisboa | por *primeiro*
 Piloto *Capitam* daSumaca invocada *Nossa Senhora* | daVictoria deque he
 5 senhorio o*Senhor* José Antonio | Pereira dadita Cidade, quemfará entrega
 daditaSumaca | que vai carregada de Efeitos de Partes desta Praça | que
VossaMerce deve naSua chegada entregar aSeus res| pectivos donos, ou
 Procuradores [naforma] do estillo; | Leva defrete como consta do seu
 Livro da Carga \$ | que receberá, [ilegível] ao digno *Senhor Pereira*
 10 quem pertence.

VossaMerce vai vencendo aSoldada| de = duzentos mil
 reis = eofrete do que Leva nacamara | naforma do estillo: oPiloto, contra
 Mestre, emais= | equipagem vaõ vencendo oque consta da Lista junta, |
 semque tenhaõ agasalhado algum.

15 Se por fazer de agua, ou | por outro qualquer incidente
VossaMerce precizamente hou| ver de arribar á algum Porto sendo no Rio
 de Janeiro | procurará ao*Senhor* Domingos Antunes Ferreira, | naCidade
 da Bahia ao*Senhor* Coronel Domingos José | deCarvalho, na de Olinda,
 ou Recife de Per| nambuco ao*Senhor* Coronel Pedro de Alcantara,e |
 20 Almeida á qualquer destes dignos senhores apre| sentará esta minha,
 cavista della, elles lhes | poderaõ supprir comoque for necessario,
 eprecisar | em beneficio daditaSumaca, ede qualquer quantia | recebida
 sacará *VossaMerce* Letra para Lisboa sobre | oSenhorio dadita Sumaca,
 ousobremim, que em | qualquer destas partes será *promptamente*
 25 satisfeita.



30 ||1.v.|| Não tenho, que recomendar-lhe a | vigilancia, cautella
necessaria naviagem por quanto | *VossaMerce* tem dado huã continuada
demonstração desua | *actividade* porisso espero obrará quanto for a bem
dadita | Sumaca edo Senhorio da mesma; para Certeza | do referido fiz
duas deste teor huã assinada por | mim que *VossaMerce* leva, outra por
VossaMerce que | me fica. Eide estimar que [ilegível] saude felis, | eque
faça boa viagem, *Deos* guarde a sua pessoa por | *muitos* annos.

De *VossaMerce*

[Joaõ Pedro Viegas]

2. Descrição e análise de dados

Na presente lição foram adotadas as “Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil”, estabelecida no II Seminário para a História do Português Brasileiro, em Campos do Jordão-SP.

Após o trabalho paleográfico, o documento foi analisado verificando-se seus aspectos ortográficos, fonológicos e lingüísticos mais relevantes.

A metodologia adotada na presente lição foi uma análise dos temas propostos através do presente documento, usando para isso os exemplos do próprio documento entre outros propostos pelos autores utilizados e que seguem na bibliografia.

2.1 Uso das abreviaturas

O uso das abreviaturas presentes no texto foi dividido em duas categorias ou grupos (*classificação esta baseada nas propostas de SPINA (1994:50)*): a) Abreviatura por sinais especiais de abreviação; b) Abreviatura por letra sobreposta. Após as abreviaturas desenvolvidas, encontra-se a indicação da linha em que aparecem as mesmas.

a) Abreviatura por sinal especial de abreviação: temos aqui a presença de um sinal que indica e ,ou, representa as letras eliminadas.

equipag.~ equipagem - 13

b) Abreviatura por letra sobreposta: Sua forma é indicada pelo seu nome, onde “após eliminar algumas letras de uma palavra, sobrepõe-se uma ou mais letras (geralmente finais) sobre a parte inicial.” (Cit. A carta de Pero Vaz de Caminha. Série Diachronica, v.1, 1999. Critérios de Transcrição, p. 17.)

1 - activid. ^e	actividade- 28	8 - d. ^{os}	dignos - 20
2 - benef. ^o	beneficio- 22	9 - d. ^a dita	- 5; 23; 29
3 - Cam. ^a	Camara - 12	10 - d. ^a Sum. ^{ca}	ditaSumaca - 6
4 - cap. ^m	capitam - 1; 4	11 - d. ^o Sn)p.Per. ^a	dignoSenhor
5 - Cid. ^e	Cidade - 3	Pereira - 9	
6 - Cor. ^{el}	Coronel - 18	12 - DVM ^{ce}	DeVossaMerce - 33
7 - cor. ^{el}	coronel - 19	13 - Lx ^a	Lisboa - 23



14 - L. ^o	Livro	- 9	21 - R. ^o de Janr. ^o	Rio de Janeiro - 15
15 - M. ^e	Mestre	- 13	22 - Sn)p.	Senho - 5; 9; 17; 18;19
16 - m. ^{os} ann. ^s	muitos annos	- 32	23 - S ^{tos} Santos	- 2
17 - N Snr ^a	Nossa Senhora	- 4	24 - Snr. ^s Cap. ^m	Senhor Capitam- 1
18 - pr ^o	primeiro	- 3	25 - VM ^{ce}	VossaMerce - 3;11;16 , 27; 31;
19 - prontam. ^e	prontamente	- 24		33
20 - q ^e	que	- 6		

2.2 Nasalidade

O “til”, em todas as ocorrências na presente lição, foi colocado, em ditongo, na última letra, para indicar a marca da nasalidade.

Esta opção na presente edição semidiplomática teve por base Said Ali (1964:37) "A dificuldade em português de articular uma consoante nasal posta no fim do vocábulo, remediou-se nasalando a vogal que a precedia. (...) Além do til (que outra coisa não é senão *n* engenhosamente sobreposto à vogal)..."

2.2 Estudo das consoantes geminadas

Verifica-se, no texto, a ocorrência de consoantes geminadas e mesmo tentando achar explicações para tais ocorrências voltamos à Said Ali (1964: 44) "Estas duplicações de *ll* e *ff*, desusadas na linguagem moderna, sem fundamento na etimologia nem na analogia, não se devem atribuir tampouco ao mero prazer de acumular letras inúteis para dar aos vocábulos aspecto mais elegante."

Vê-se que essa preocupação vigorava entre os estudiosos e gramáticos mais antigos e pode-se citar ainda Maria Filomena Gonçalves (1991: 266) "...argumenta Caetano de Lima: ' Bem sey que parece demaziada affectação dobrar letras, que se não pronunciaõ, so porque no latim se dobraõ; mas o contrario seria sogeitar-se à crítica de alguns grammaticos, os quaes vendo que senaõ dobraõ certas letras, attibuem esta omissoa a ignorancia, sendo ella tal vez uma naõ pequena perfeiçaõ na nossa lingua' “, isso nos faz questionar se as escolhas realmente têm a ver com praticidade da língua ou a serviço de pequenos intelectuais dominantes. Discutiria-se nessa linha, um grande número de regras que ainda vigoram.

Mas encontra-se explicações razoáveis para justificar a dobra da letra que encontramos no texto: *effeitos* (6), *estillo* (8), *supprir* (21), *della* (21) e *cautella* (26) e justifica-se com Barboza (1830:76) " ..Tambem toda a palavra, que principia por DI, E, O, e SU seguindo-se-lhe immediatamente F, dobra esta consoante v. gr. Differir, Effeituar, Offender, Suffocar, Difficil, Efficaz, Officio, Suffragio. Mas estas mesmas observações de pouca utilidade podem servir aos que não tem hum bom conhecimento da Lingua Latina. Para estes e para o povo illitterato so a boa pronunciação da propria Lingua he que lhes póde ensinar as Letras, com que o hão de escrever, como se verá ..." Com isso pode-se concluir que na caminhada evolutiva da língua prevalece a praticidade popular simplificando a própria linguagem, apesar da resistência entre os gramáticos de a aceitá-la.

2.4 Fonética sintática



Nota-se neste documento um caso de Fonética sintática, explicado por Coutinho (1976:132) onde é ressaltado o aparecimento de compostos. Aparece no texto: "cavista" (linha 21), notando-se um abuso da falta de fronteira de palavras provocando o aparecimento do seguinte composto: com + a > co'a > ca. Verifica-se aqui que essa redução é típica da atividade oral da língua, mas foi aqui absorvida em sua forma escrita.

2.5 Consoantes mudas

Aparecem dois casos de consoantes mudas que com a evolução da língua perderam essas consoantes, são elas: *actividade* (28) e *promptamente* (24). Essa alteração pode ser justificada com a colocação de Gonçalves Viana (1904:73) "Com referencia aos vocábulos em que estas consoantes se obliteraram absolutamente na pronúncia, sem deixarem vestígios nas vogais que as precediam, entendo que elas devem ser suprimidas."

Com base nestas palavras podemos, parcialmente, justificar o seu desaparecimento, pois na teoria existia essa tendência, mas vemos que dado o costume, ainda hoje encontra-se dúvida quanto ao seu uso, mesmo que totalmente abolidas das gramáticas atuais.

2.6 O uso das sibilantes

Com relação à ocorrência da palavra "precizamente" linha 16 em divergência da palavra "precisar" na linha 23, vê-se que essa falta de padrão dá-se pela confusão de regras reinantes na época e pela necessidade de diferenciação distinta entre o uso do "s" e do "z", como mostra Gonçalves Viana (1904: 290) "Diferenciação rigorosa entre z e s em meio de vogais: defesa, siso, Luísa, avareza e juízo." E continuando na abordagem de s e z, encontramos no documento a ocorrência de "felis" linha 31 e discute-se a questão, voltando à Gonçalves Viana (1904:112) "em conformidade com estes preceitos poderia manter-se z final em todos os vocábulos acentuados na última sílaba e que possam receber incremento, de que resulte ficar o z entre vogais, por exemplo, mez, mezes ..." Bem, uma vez verificado que essa abordagem é de 1904 e o presente documento de 1794, pode-se procurar mais discussões sobre o assunto e o que faz procurar em Barboza (1830:74), mais dados. "O escrever com z as finaes agudas do Singular, como: Fáz, Fêz, Fíz, Capáz, Capúz, Felíz, Retróz e outras semelhantes pela razão da maior facilidade na formação dos pluraes dos nomes, he desamparar a regra da dirivação por huma razão frivola. Nenhuma destas palavras tem no Latim Z no fim, mas ou X, ou S, ou T. O S final, ficando nos pluraes destes nomes entre vogaes, pronuncia-se como Z segundo a analogia Latina. As vogaes finaes eccentuardas ficão sendo signal proprio para mostrar a sua agudeza; ... Sería por tanto mais coherente o escrever Fás, Fês, Fís, Capás, Capús, Felís, Retrós."

Já Coutinho (1976:116) justifica o uso de z numa análise puramente etmológica, "O -z- medial, decorrente de -c- intervocálico latino, torna-se final pela queda da vogal final -e- : luce> luze> luz, felice> felize> feliz. Concluimos então que o



escreva adotou a forma que ele poderia considerar a mais correta uma vez que, como vemos, a discussão perdurou séculos até uma definição e regulamentação do real uso do "z" final.

Com essas colocações vê-se que o que é convencionado na língua, não representa a realidade até que o uso assim o exija.

3. Conclusão

Através dos pontos levantados, verifica-se que nossas leis gramaticais sempre foram divergentes até mesmo entre os grandes estudiosos da língua, mas o que realmente faz com que determinadas evoluções aconteçam é o uso geral dessa língua, não só entre os mais cultos, mas o uso de todo o povo. Por mais convincente que a explicação seja, se não for aceita pelos usuários, não sairá do papel.

RESUMO: Na presente carta de ordem foram analisados aspectos ortográficos, fonológicos e lingüísticos pertinentes ao texto, bem como estudo do suporte material, ressaltando a discussão sobre a evolução da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Estudo lingüístico, filológico e codicológico

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. Novo dicionário da Língua Portuguesa, 1986. Editora Nova Fronteira S.A. – Rio de Janeiro.

BARBOZA, Jeronymo Soares. Grammatica Philosophica da Lingua Portugues, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1830.

COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática histórica, 7^a edição, Ao livro técnico, Rio de Janeiro, 1976.

CUNHA, A.G., CAMBRAIA, C.N., MEGALE, HEITOR. A Carta de Pero Vaz de Caminha, 1999. Humanitas Publicações, FFLCH/ USP - São Paulo.

FLECHOR, Maria Helena Ochi. Abreviaturas – Manuscritos dos séculos XVI ao XIX, 1991. Edições Arquivo do Estado – UNESP – São Paulo.

GONÇALVES VIANA, A. R. Ortografia Nacional, Lisboa, Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1904.

GONÇALVES, Maria Filomena. Biblos - Vol. LXVII, Universidde de Évora, 1991.

MARTINS, Wilson. A Palavra Escrita – História do livro, da imprensa e da biblioteca, 1998. Editora Ática – São Paulo.



SAID ALI, Manoel. Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa, 3ª edição, Editora Universidade de Brasília, 1964.

SPINA, Segismundo. Introdução à edótica. São Paulo, EDUSP / USP, 1994.